

Tempo, esperança e utopia: um ensaio filosófico em tempos de pandemia¹

Time, hope and utopia *A philosophical essay in pandemic times*

Matheus da Silva Bernardes²

 0000-0001-9904-3155

Resumo

A esperança é uma virtude teologal, um dom do Espírito concedido às mulheres e aos homens para que se movam em direção ao bem que ainda não possuem (S.Th. IIa IIae, q. 17-18). Portanto, refletir sobre a esperança é tarefa própria da Igreja e da Teologia; tarefa exigente, porém amplamente apoiada por citações bíblicas, sobretudo do Novo Testamento. Não obstante, é possível refletir sobre a esperança a partir de um pensamento que não dependa da revelação bíblica? Trata-se de uma tarefa não só exigente, mas também árdua. Uma das razões para tal é o fato de que o âmbito mais próprio para desenvolver a esperança é o tempo, e a contemporaneidade parece ter um mal-estar com o tempo. Além do mais, a própria definição de tempo não é tão simples: o que é tempo? Tradicionalmente, o tempo tem sido entendido desde uma estrutura material (Aristóteles) e estrutura psíquica (Agostinho de Hipona); contudo é possível pensar o tempo em uma estrutura mais abrangente que permita falar sobre a transcendência do tempo, mas sem sair dele? Este breve texto pretende recolher o que alguns autores da história da Filosofia ocidental pensaram sobre o tempo e verificar se essas reflexões permitem abrir o tempo à esperança e à utopia. Ainda que o texto pretenda ser estritamente filosófico, sua inspiração é a frase “Não deixemos que nos roubem a esperança”, do Papa Francisco (EG 86), que ecoa com ainda mais força em tempos de pandemia.

Palavras-chave: Esperança. Filosofia contemporânea. Tempo. Utopia.

Abstract

Hope is a theological virtue, a gift of the Holy Spirit given to women and men to move towards the good they do not have yet (S.Th. IIa. IIae q. 17-18). Therefore, thinking on hope is a proper task of the Church and the Theology; even it is a tough task, it is largely supported by biblical texts especially from the New Testament. However, is it possible to think on hope from a thought that does not depend on the biblical revelation? It is not only a tough task, but very hard one. One of the reasons of it is that the proper scope to develop hope is time and the contemporaneity seems to cross a malaise about time. Besides the very definition of time is not so simple: what is time? Traditionally time has been understood from a material (Aristoteles) and a psychic structure (Augustine of Hippo), though is it possible to think over a more embracing structure so that it will be possible to speak about the transcendence of time in time?

¹ O texto retoma, com alterações, a reflexão apresentada durante o *webinar* “Não deixemos que nos roubem a esperança”, do dia 19 de outubro de 2020, evento realizado pela Faculdade de Teologia e pela Coordenação Geral de Atenção à Comunidade Interna da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

² Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Faculdade de Teologia. R. Prof. Dr. Euryclides de Jesus Zerbini, 1516, Parque Rural Fazenda Santa Cândida, 13087-571, Campinas, SP, Brasil. *E-mail*: matheus.bernardes@puc-campinas.edu.br

This brief text intends to recollect what some authors of the Occidental Philosophy have thought about time and verify if those reflections allow to open time to hope and utopia. Even though the text intends to be strictly philosophical, its inspiration is the statement "Let us not allow ourselves to be robbed of hope" of Pope Francis (EG 86), which sounds even stronger in pandemic times.

Keywords: Hope. Contemporary Philosophy. Time. Utopia.

Introdução

É conhecida a expressão usada pelo Papa Francisco nos números 222 a 225 da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: "O tempo é superior ao espaço". O contexto mais amplo da expressão é a apresentação que o bispo de Roma faz para se alcançar a paz dentro de cada nação e do mundo. Ele usa binômios ao longo dessa apresentação: tempo/espço, unidade/conflito, realidade/ideia, todo/parte, sempre deixando claro que o primeiro termo prevalece sobre o segundo.

Como aponta o teólogo beneditino francês Ghislain Lafont, os binômios usados por Francisco sempre estiveram presentes no pensamento ocidental e representam uma dinâmica muito própria da existência: identidade e diferença, o que exige a afirmação de ambos os termos mesmo sendo antagonistas. Trata-se de tensões que já eram notadas no pensamento dos filósofos pré-socráticos, como em Parmênides e Heráclito.

A experiência humana parece estar em plena sintonia com o pensamento heraclitiano que afirma que "tudo flui" e que "é impossível se banhar duas vezes no mesmo rio". A vida dos seres humanos transcorre no tempo, e o que parece ser sólido e firme, no fundo, é só uma ilusão momentânea. Não obstante, a experiência cristã tende ao eterno, ao idêntico, ao razoável por se basear na imutabilidade de Deus e na certeza do fim pela ressurreição de Jesus (LAFONT, 2016).

Francisco quer se afastar dessa tendência. O espaço simboliza identidade, evoca a coerência, coesão, permanência, enquanto o tempo simboliza as sucessões, as aventuras, as rupturas e as reconquistas; por isso, sua afirmação de que o tempo, que simboliza a vida humana, é superior ao espaço. Xavier Zubiri, filósofo contemporâneo espanhol, afirmará que o ser humano não é só temporal, mas tempóreo, isto é, inquieto; esse pensamento se encaixa precisamente com a afirmação do bispo de Roma.

Se o tempo tanto simboliza para a vida humana, o que é o tempo? Trata-se somente de uma medida física ou, até, de uma percepção? Por outro lado, não se deve esquecer de que o ser humano se abre a experiências transcendentais no próprio tempo: não é fora do tempo que o ser humano experiencia a transcendência, é no tempo. Essa transcendência tem nomes: esperança, utopia. O que sustenta a esperança humana? O que permite ao ser humano hoje, depois do fracasso da Modernidade, ainda falar de utopia?

O próprio Papa Francisco (2013), no número 86 da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, clamou: "Não deixemos que nos roubem a esperança". Para as cristãs e os cristãos, a esperança é certa: "A esperança, com efeito, é para nós qual âncora da alma, segura e firme, penetrando para além do véu, onde Jesus entrou por nós, como precursor, feito sumo sacerdote para a eternidade, segundo a ordem de Melquisedec" (*Hb* 6,18-19).

Entretanto, o século XXI já possui uma característica que não pode ser deixada de lado: o pluralismo. Como é possível falar de esperança para mulheres e homens que não são cristãs e cristãos? Para mulheres e homens que se veem imersos em uma sociedade solitária, esmagada pelo peso da rotina e do tempo, sem horizontes, sem perspectivas. Tudo isso se tornou ainda mais trágico no ano de 2020, quando o mundo se viu diante de uma situação inusitada: a pandemia causada pelo novo coronavírus. Como falar de esperança em 2020?

O mal-estar contemporâneo com o tempo

Algo está acontecendo com a experiência pessoal e comunitária do tempo pessoal na contemporaneidade. Nota-se, em vários debates, um novo e estranho modo de solidão, uma desolação pela ausência do outro; parece que “só estamos juntos”. Emmanuel Lévinas, na década de 40 do século passado, já indicava que a solidão é um cativo, uma ausência de tempo: “A solidão é uma ausência de tempo” (LEVINAS, 2009, p. 38).

Há, portanto, uma relação entre solidão e tempo; a desolação causada pela solidão só é rompida pelo desenvolvimento da existência no tempo (PAIVA, 2012). Por outro lado, a rotina surge como uma absorção da existência no tempo, uma espécie de presente constante. Essa existência rotineira é uma caricatura da eternidade, uma vez que o ser humano estaria em um “tempo quieto”.

Todos os níveis do tempo são iguais: o passado é sem transcendência porque já passou; a espera futura está no presente, mas não conduz a pessoa à saída de si mesma para o encontro com aquilo que é esperado; não existe atração pelo que se espera e, menos ainda, caminho marcado para encontrá-lo. O futuro não é desejado, mas tampouco temido. O futuro não é favorável, mas não chega a representar ameaça.

Com relação à sociedade, pode-se afirmar que de uma lógica utópica se passou a uma lógica da individualização (HESPANA, 2002). A consciência prometeica foi substituída por uma consciência narcisista. O sujeito moderno todo-poderoso abre espaço para o sujeito vulnerável da Pós-Modernidade que se perde na contemplação de si mesmo (LIPOVETSKY, 2004). Valores que pareciam ser inquestionáveis são postos de lado: o compromisso social e histórico e a liberdade compartilhada. A identidade comunitária já não é meta, mas algo óbvio que está aí, e não precisa ser construída.

Um claro exemplo desse desinteresse pelo compromisso social e histórico e a liberdade compartilhada está no que Zygmunt Bauman chama de colonização dos espaços públicos pela iniciativa privada, ou seja, o interesse público foi reduzido à mera curiosidade sobre vidas privadas de pessoas públicas, e a arte de viver em público se encontra reduzida à hiperexposição de assuntos privados e à confissão de sentimentos e emoções, que quanto mais íntimos são, melhor. Toda questão pública que não adere a essa lógica se torna incompreensível (BAUMAN, 2001).

O ser humano histórico morreu; com ele, a esperança e a utopia. Parece que a sociedade humana está vivendo um milenarismo invertido (JAMESON, 1997) isto é, a esperança está em que tudo desapareça. Dá-se o passo da utopia para a distopia, que já tinha aparecido na literatura na primeira metade do século XX e é uma figura de linguagem que denota ameaça e advertência diante do Totalitarismo. Um bom exemplo de publicação distópica é a obra “1984” de G. Orwell

(OTTMANN, 2001). Precisamente por essa advertência, as instituições perderam a credibilidade; não a perderam só pelos erros que cometeram, mas só pelo fato de representarem valores que geram suspeitas totalitárias (BERNARDES, 2019).

Por outro lado, a utopia perde espaço por carregar em si algo de ingenuidade, porque o ideal de sociedade aspirado seria uma sorte de espelho, no qual uma sociedade real se refletiria (OTTMANN, 2001). A utopia se refere a um ideal para a história, no qual se proclama a renovação das relações interpessoais e, conseqüentemente, das comunidades e da sociedade. Trata-se da experiência apontada por Karl Marx que associava a utopia a uma futura sociedade sem classes; não se deve esquecer que tal experiência possui sérias limitações, que marcou, porém, profundamente a concepção de história no século XX. Tanto que também foi trabalhada pelos autores da libertação, na América Latina; em seu pensamento, a utopia não só ocupa lugar, mas tem um espaço privilegiado (SOBRINO, 1999).

Entretanto, o mal-estar provocado pela solidão e o peso da rotina conduziram o ser humano a uma experiência contrária: ele parece estar vivendo preso a um presente sem fim, a um presente supremacista e onipotente, que decretou o fim do tempo e da história.

Tal ideia fica ainda mais clara com Gianni Vattimo, em sua obra "O fim da modernidade". A modernidade acabou porque já não é possível sustentar a unidade da história (VATTIMO, 2002), especialmente pelo surgimento dos meios de comunicação em massa. O ser humano se encontra dentro de uma revolução cultural, uma nova sociedade surge: a sociedade da comunicação. Com isso, o autor italiano também mostra a crise nas concepções espaço-tempo. Não há somente uma separação entre o espaço e o tempo, mas uma verdadeira crise: as duas dimensões não se movem na mesma velocidade.

Já não se pode falar de progresso, um elemento essencial para a Modernidade. Tampouco, pode-se falar com facilidade de utopias, especialmente no Ocidente, onde tantas falharam. A conclusão é óbvia: a Modernidade fracassou. Emerge, portanto, a fruição, isto é, a visão fruísta da realidade contra o funcionalismo moderno; a Pós-Modernidade é presenteísta e fruísta (VATTIMO, 2002).

A estrutura do tempo

Um dos maiores desafios que a humanidade tem diante de si hoje é o resgate do tempo em sua totalidade, ou seja, o resgate da existência temporizada da pessoa e da comunidade, de uma relação equilibrada entre as diversas dimensões do tempo e da realidade tempórea do ser humano.

Emmanuel Lévinas mostra que o tempo, mais que pelo sujeito, é definido pelo outro; mais precisamente, o tempo não se define pela presença do sujeito, mas pela ausência do outro, como já se mencionou. Contudo, este breve ensaio se dedicará ao estudo da estrutura do tempo feito por Xavier Zubiri para, a partir dele, repensar a esperança e a utopia. Antes, entretanto, um pouco das noções aristotélica e agostiniana sobre o tempo.

Na linguagem popular, o tempo é uma sucessão de passado, presente e futuro. Aristóteles (2011), no livro quarto da Física, suspeita que o tempo não existe ou, pelo menos, só existe de um modo muito escuro (Fis. IV, 217b 29). O que foi, já não é; o que será, tampouco é. A sequência

passado-presente-futuro é uma verdadeira contradição, sobretudo porque se pode perguntar: afinal de contas, o que é o presente? (VIDAL ARENAS, 2015).

Aristóteles prossegue sua busca por uma definição de tempo: não é uma coisa, não é uma substância. O que é o tempo? Qualidade, quantidade, relação? Em sua intuição, afirma que o tempo tem a ver com o movimento das coisas. Quando uma potência passa ao ato, há movimento, logo há tempo. O tempo não se identifica com o movimento; é algo que existe fora dele.

Como identificar um movimento? Pelos limites entre os quais um ente se desloca; a partir disso, a razão verifica um deslocamento, isto é, identifica diversos “agoras” (Fis. IV, 218a 8). Há um antes e um depois e uma medida entre ambos. Essa medida seria o tempo, porém essa identificação não resolve o problema da relação passado-presente-futuro, porque continuam aparecendo como simples sucessão.

Agostinho de Hipona, no livro X das Confissões, afirma que o presente é o limite entre passado e futuro (AGOSTINHO, 2011). O presente é constituído por um não ser duplo: não ser do passado e não ser do futuro. Ainda sem refletir sobre o futuro, o autor latino afirma que o ser humano tem a capacidade de reter o passado, a memória; trata-se da capacidade humana de subjetivar o tempo (Conf. X, 8-24). Não há somente uma percepção física do tempo (quantidade), mas uma percepção psicológica do tempo (qualidade).

A partir desses dois autores clássicos, o tempo é considerado em sua dupla estrutura: quantitativa (material) e qualitativa (psíquica). Na Modernidade, especialmente com o desenvolvimento da Física newtoniana, uma noção que já estava presente no pensamento aristotélico se torna ainda mais forte: o tempo é uma grandeza absoluta. Não obstante, a Física contemporânea já não trata o tempo como grandeza absoluta, mas relativa (a Teoria da Relatividade geral e restrita de Albert Einstein). A mudança na compreensão do tempo também trouxe desafios para a Filosofia e, portanto, é preciso repensar o tempo; essa tarefa foi assumida por Xavier Zubiri, que pensou o tempo a partir de considerações linguísticas, mitológicas, filosóficas e científicas.

O que o autor espanhol apresentará, em primeiro lugar, é o conceito descritivo do tempo, ou seja, o tempo como uma linha contínua (conexão) de sucessivos pontos, sucessivos agoras, que está ordenada conforme um antes e um depois (direção) e possui uma modulação qualitativa e uma medida a partir de um ponto inicial (distância) (FERRAZ, 2004). Além disso, o tempo, ainda considerado desde o conceito descritivo, mantém uma unidade peculiar distinta da unidade do espaço, isto é, o tempo não é apenas um conjunto de agoras como o espaço é um conjunto de pontos (ZUBIRI, 2006). Cada agora-presente está aberto em e desde si mesmo a seu próprio passado e futuro. Ele chama essa unidade de transcorrência (vir-de e ir-a).

Por outro lado, X. Zubiri apresenta um conceito estrutural do tempo; ele o divide em tempo físico, tempo biológico e tempo humano. O tempo físico está marcado pela mudança, sendo o movimento a forma mais básica de mudança. O autor afirma que o tempo é uma propriedade ou caráter do movimento. Mas não se pode pensar que o tempo seja simplesmente um processo, isto é, uma sucessão de agoras, como é o movimento; o tempo físico tem como qualidade própria o número e a medida do movimento. Isso permite ao filósofo espanhol se afastar de um grave erro da história do pensamento ocidental: a substantivação do tempo (ZUBIRI, 2008).

Ainda dentro do conceito estrutural do tempo, encontra-se o tempo biológico, que não é número, mas idade, o que é próprio dos seres vivos. Se a idade pode ser medida é porque os seres vivos são realidades físicas. Finalmente Xavier Zubiri apresenta o tempo humano em sua dupla perspectiva: o tempo psíquico e o tempo da vida. O tempo psíquico é entendido como duração (*durée*, conceito tomado do pensamento de Henri Bergson), que não é simples sucessão de agoras, mas um agora que vai se enriquecendo, isto é, o passado continua avançando e empurra o ser humano ao porvir. O tempo da vida é entendido como projeto, ou seja, a mudança de situações e geração de novos problemas que não se dão somente por sucessão ou duração, mas por precessão. O ato humano está aberto ao futuro e, por isso, também está aberto ao presente e ao passado. Quando se refere ao conceito estrutural do tempo, o autor propõe a problemática da universalidade do tempo, que não deve ser entendida como unidade intrínseca, mas como sincronismo dos tempos de cada realidade.

O futuro, portanto, não é “de qualquer jeito”, mas um porvir que se decide para chegar a ser. O passado já não é, porque se foi; mas o passado sempre estará presente como possibilidade; no campo da liberdade humana, o passado se faz presente como jogos de possibilidades. Nesse sentido, o presente não é somente agora, mas a situação em que o passado deixou – e sempre deixará – o ser humano.

Essa situação também permite ao sujeito se enfrentar com o futuro, que se torna presente na medida em que é planejado e projetado. O ser humano tem a capacidade de esperar (projeto e esperança); pode se projetar (se lançar) porque há destinação – não determinada em seus conteúdos, mas aberta em sua formalidade. Inclusive, se o sujeito soubesse quanto tempo iria durar, seus projetos seriam radicalmente distintos. O ser humano é um ser radicalmente “tempóreo”, inquieto; essa inquietação não é simplesmente um elemento da vida humana, mas o que lhe dá unidade (ZUBIRI, 2008).

Ao longo da história, dá-se a relação passado-presente-futuro. A história se constitui pelas potências humanas (o que pode fazer), mas também por suas possibilidades (o que fez). O passado sempre sobreviverá no presente como possibilidade e o futuro, como porvir.

A terceira e última consideração do tempo que o autor espanhol fará é o tempo como modo de ser. Ser não é sinônimo de realidade; a realidade é anterior ao ser, que, assim entendido, é meramente a atualização da coisa real no mundo. O ser das coisas não tem substantividade, mas compartilha o caráter de acionalidade da coisa real (FERRAZ, 2004); toda ação da coisa real é expressa gramaticalmente pelo verbo. A ação, sim, é um modo de realidade, mas não o tempo que só se impõe ao verbo como algo derivado. O tempo não é algo no qual se está (ação), mas modo como se está. Logo, o tempo é modo de ser, não modo de realidade (ZUBIRI, 2008).

O tempo está fundado no ser, e não ao contrário, como pensava Martin Heidegger; o infinitivo ser pode significar a atualidade da realidade inteira como algo que está no mundo, mas também a unidade de “é, foi e será”, ou seja, “sendo” ou “enquanto”. “Enquanto” não é um intervalo no qual se inscreve o ser, mas a unidade de “é, foi e será”, como já se mencionou.

Essa compreensão do tempo se distancia das estruturas clássicas de quantidade e qualidade, porque o tempo, de fato, é um modo de ser das coisas. Antes do tempo, estão as coisas; antes do tempo, está a vida. O ser humano, ainda que seja radicalmente inquieto, ainda

que seja tempóreo, e não somente temporal, não se vê achatado pelo tempo; o ser humano faz seu tempo, não somente ator no tempo, mas autor e agente do tempo. Logo, no tempo não está a fatalidade, mas a possibilidade; não está a condenação, mas a salvação; não está o desespero, mas a esperança. Por quê? Porque, antes do tempo, está o ser humano.

Esperança e utopia

A abertura radical do tempo segundo o pensamento de Xavier Zubiri permite abordar esperança e utopia de modo mais simples, mas ao mesmo tempo mais realista. Para tal, vale a pena recolher o pensamento utópico do século XX, especialmente a partir da Filosofia de Walter Benjamin e Ernst Bloch.

Walter Benjamin, filósofo judeu alemão, que viveu entre os anos de 1892-1940 e apresenta uma imagem que se torna forte crítica ao progresso: o anjo da história.

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso (BENJAMIN, 1987, p. 225).

Com o olhar voltado para o passado, que para o ser humano funciona só como uma cadeia de acontecimentos, o anjo capta uma catástrofe que não pode ser detida, ainda que se quisesse. É impossível reconstruir aquilo que passou; é uma tempestade que arrasta o ser humano para o futuro. Essa tempestade é vista pelo anjo como o progresso – entendido a partir da Modernidade –, e a história é compreendida como um jogo de poder.

O anjo vê o futuro no passado, quer levantar os mortos caídos porque eles clamam por justiça no futuro. O que ele vê atrás de si lhe traz horror porque o preço da história é muito caro. Contudo, é impossível fugir dessa catástrofe; é preciso se fazer responsável pelos custos do progresso. Pensar o tempo e a história a partir do progresso é um grave erro a que Walter Benjamin quer renunciar; é necessário estabelecer uma crítica sólida à noção de progresso apresentada pela Modernidade (SANTOS, 2018).

Com essa imagem, nota-se a clara tentativa de se desmontar a ontologia do presente, um dos supostos básicos do progresso cuja consequência mais grave é a redução da historicidade da história. Não se pode reduzir o tempo ao que é, porque com isso se renuncia à diferença que está. A própria Modernidade foi incapaz de subtrair a ontologia do presente; todos aqueles que tentaram romper com o presenteísmo acabaram por cair nele. Os clamores de justiça do passado são realidade no presente, ainda que possam ser atendidos somente no futuro.

Qual é o caminho proposto por Walter Benjamin? Somente a memória pode salvar o ser humano do esquecimento do passado. Por isso mesmo, é preciso assumir uma tarefa que complementa a razão ilustrada da Modernidade: a razão anamnética. Privilegiar o passado – a memória –, não significa desvalorizar o futuro, mas lhe dar sentido. A única forma para que o futuro seja diferente é possibilitando que o presente se responsabilize pelo passado (BARTOLOMÉ, 2012).

Justamente a partir da tensão passado-presente-futuro, é possível compreender a utopia e, finalmente, a esperança. A história nunca vivenciou tantos pensamentos utópicos como na Modernidade, contudo será Ernst Bloch, em sua principal obra “O princípio esperança”, que indicará uma possibilidade de releitura da utopia, não só como projeção do presente.

O autor, assim como Walter Benjamin, vai se perguntar pela noção do tempo e da história usando uma imagem: os sonhos. Os sonhos diurnos aparecem em nítido contraste com os sonhos noturnos, relacionados com o passado. Ele não entende o passado somente como o que passou, o que já não é mais; passado tem a ver com aquilo que não pode ser realizado não só pelo, mas no próprio ser humano; esses sonhos buscam a resposta àquilo que não pode ser construído pelo e no ser humano (MACHADO, 2008). Com essa afirmação, já se nota uma influência da psicanálise freudiana no pensamento moderno, mas, sobretudo, o caráter processual que esse pensamento vai ganhando.

O ser humano é *desiderio* constante, permanente abertura ao futuro. Os sonhos noturnos o projetam positivamente rumo ao futuro: são um ainda não consciente que deve ser assumido mediante um ato consciente. Trata-se de um ato da razão, que não pode florescer sem o sonho de uma vida melhor, sem o sonho movido pela esperança. A razão, portanto, é incapaz de florescer sem a esperança, mas, ao mesmo tempo, a esperança não pode falar sem a razão (esperança muda).

A nossa época é a primeira a possuir os pressupostos socioeconômicos para uma teoria do ainda-não-consciente e do que está relacionado a ele no que-ainda-não-veio-a-ser do mundo. O marxismo sobretudo foi o pioneiro em proporcionar ao mundo um conceito de saber que não tem mais como referência essencial aquilo que foi ou existiu, mas a tendência do que é ascendente. Ele introduz o futuro na nossa abordagem teórica e prática da realidade (BLOCH, 2005, p. 141).

Nesse sentido a utopia aparece como negação da negatividade, um poder criador, uma fecundidade sem limites que se apoia na razão. A grande tentação é querer construir a utopia só a partir do presente, o que faria com que a utopia deixasse de sê-la e se convertesse em ideologia. A utopia é possibilidade de transcender a história, mas sem sair dela; a utopia transcende o presente e lança o ser humano para o futuro.

A partir deste corte hermenêutico, podemos enunciar que a utopia [*outopos*] vem a ser a negação do lugar, o lugar da negação: lugar-outro, clinâmen, desvio, cruzamento, descaminho, encruzilhada, excêntrico. O que funda a utopia é o logos selvagem, a razão bárbara, o logos esquerdo, o logos descontínuo, o logos da transversalidade, o logos excêntrico (LIMA, 2008, p. 16).

Ernst Bloch e Walter Benjamin são contemporâneos – mais ainda, são relacionados entre si; de suas obras, nascem críticas consistentes ao pensamento moderno, à Filosofia do progresso e ao desejo de utopia somente mediante o desenvolvimento. A utopia deve coexistir com a memória; a única forma de não repetir a tragédia do passado se dá mediante a memória e a única forma de superar a tragédia do passado é mediante a utopia.

Conclusão

“Não deixemos que nos roubem a esperança” é uma frase poderosa do Papa Francisco; não foi registrada só em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, mas repetida por ele em diversas ocasiões. Sem esperança, não se pode falar de fé e menos ainda de amor. Contudo, como bem mostra Ernst Bloch, sem esperança a razão não florescerá; por outro lado, sem a memória, a utopia se esvazia e se converte em mera projeção de um presente vazio e intrascendente, como remarca Walter Benjamin.

Porém, não se pode esquecer que o que está em jogo nessa reflexão é a própria compreensão do tempo. A experiência contemporânea do tempo é paradoxal e, por isso, gera mal-estar: se, por um lado, o ser humano tem a sensação de viver um tempo quieto, por outro lado, a exigência pós-moderna da fruição faz com que ele caia em um ativismo inócuo que acelera o tempo e a sensação de que não estar fazendo nada o achata. A rotina é maçante, mas a efemeridade – a liquidez, segundo Zygmunt Bauman – não preenche o vazio existencial.

A recuperação da noção de tempo se dá mediante o restabelecimento do tempo mais próprio do ser humano: o futuro, como remarca Xavier Zubiri. O ser humano, por sua própria estrutura biológica, projeta-se sobre seu meio; não só se adapta ao meio, mas adapta o meio a si. Não se trata de uma imposição além da realidade humana, mas de uma consequência de sua própria realidade. Para o pensador espanhol, o tempo está radicalmente aberto e é possível transcendê-lo, mas sem sair dele. A transcendência não vem de fora, mas está dada pela própria realidade que funda o tempo.

Contudo, como se projetar em 2020? Como olhar para o futuro depois de uma pandemia que ceifou tantas vidas, que trouxe tanta incerteza para as sociedades e abalou muito do que parecia estar já assegurado? Para responder a essa pergunta, é preciso uma anotação prévia: a pandemia não pode ser considerada, em si, uma crise; ela desempacotou – nas palavras do Papa Francisco – muitas crises e acelerou outras tantas. Crise é uma palavra onipresente no vocabulário ocidental desde a década de 1970 do século passado, portanto afirmar que o novo coronavírus trouxe uma crise sem precedentes corresponde a uma atitude ingênua e pouco realista.

A crise está e os caídos durante a crise também. É hora de lhes fazer justiça, preservando sua memória, não cometendo os mesmos erros que significaram perdas imensas. Mas, ao mesmo tempo, projetarmo-nos ao futuro movidos pela esperança é um modo de lhes fazer justiça. A humanidade não pode simplesmente se esquecer dos horrores de seu passado e ficar vislumbrando um futuro que é mera projeção de um bem-estar aparente do presente; a humanidade, ao fazer justiça àqueles que sofreram horrores no passado, isto é, preservando a sua memória, dá sentido a seu futuro. Preservar a memória no futuro faz com que a *dis-topia* (lugar anômalo) desapareça e a *ou-topia* (não lugar, aquilo que ainda não tem lugar) se converta, assim, em *eu-topia* (lugar bom) para as mulheres e os homens na história e no tempo.

Referências

- AGOSTINHO, de Hipona. *Confissões*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- ARISTÓTELES. *Física*: Libros III - IV. Buenos Aires: Biblos, 1995.
- BARTOLOMÉ RUIZ, C. A testemunha e a memória. O paradoxo do indizível da tortura e o testemunho do desaparecido. *Ciências Sociais Unisinos*, v. 48, n. 2, p. 70-83, 2012.
- BAUMAN, Z. *La sociedad individualizada*. Madrid: Cátedra, 2001. p. xxviii.
- BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1. p. 225.
- BERNARDES, M. Idolatria e distopia: o anti-Reino que distorce a história. *Simpósio Internacional filosófico-teológico da FAJE*, Belo Horizonte, 15: p. 1-10, out. 2019.
- BLOCH, E. *O Princípio esperança*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. v. 1. p. 141.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*, 2013. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 25 nov. 2020.
- HESPANA, P. Individualização, fragmentação e risco social nas sociedades globalizadas, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 63, p. 21-31, 2002.
- JAMESON, F. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1997.
- LAFONT, G. *O tempo é superior ao espaço?* Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/559587-o-tempo-e-superior-ao-espaco-artigo-de-ghislain-lafont>. Acesso em: 25 nov. 2020.
- LÉVINAS, E. *Le temps et l'autre*. Paris: PUF, 2009. p. 24-38.
- LIMA, C. *Genealogia Dialética da Utopia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008. p. 16.
- LIPOVETSKY, G. *Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia, empresa*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004. p. 19-22.
- MACHADO, C. E. Sonhos diurnos e geografia: sobre o princípio-esperança de Ernst Bloch. *Trans/Form/Ação*, v. 31, n. 1, p. 205-213, 2008.
- OTTMANN, H. *Lexikon für Theologie und Kirche – 10. Band*. Freiburg: Herder, 2001. Utopie, p. 500-501.
- PAIVA, M. A.; PIRES DIAS, L. F. O enigma do mal no pensamento de Emmanuel Lévinas. *Revista Filosofia Unisinos*, v. 13, n. 2, p. 134-150, 2012.
- SANTOS, E.; BIAZO, G. Teoria da história e história da historiografia: debates e desafios do conhecimento histórico no século XXI. *Canoa do tempo*, v. 10, n. 1, p. 1-10, 2018.
- SOBRINO, J. *La fe en Jesucristo: ensayo desde las víctimas*. San Salvador: UCA Editores, 1999. p. 69-71.
- TOMÁS, de Aquino. *Suma Teológica: a fé, a esperança, a caridade, a prudência: II seção da II parte, questões 1-56*. São Paulo: Loyola, 2004. v. 5.
- VATTIMO, G. *O fim da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 184.
- VIDAL ARENAS, J. La concepción del tiempo en Aristóteles. *Bysantion Nea Hellás*, v. 34, p. 323-340, 2015.
- ZUBIRI, X. *Escritos menores*. Madrid: Editora. Alianza, 2006. p. 162-163.
- ZUBIRI, X. *Espacio, tiempo, materia: nueva edición*. Madrid: Editora Alianza, 2008. p. 255-284.

Como citar este artigo/How to cite this article

BERNARDES, M. S. Tempo, esperança e utopia: um ensaio filosófico em tempos de pandemia. *Cadernos de Fé e Cultura*, v.5, e205187, 2020. <https://doi.org/10.24220/2525-9180v5e2020a5187>